

Amieira: o regresso ao futuro

João Nasi Pereira
Arquitecto



1. Vista aérea do Castelo de Amieira do Tejo
IPPAR/Manuel Ribeiro

“Reconhecer-se-á que não se inventa uma linguagem. Reconhecer-se-á que a linguagem se transforma para se adaptar à realidade e para lhe dar forma. Tudo será reconhecido como património colectivo e, nessa condição, objecto de mudança e de continuidade. Os instrumentos de reconhecimento do real chamam-se História, a arte de construir a sua transformação chama-se Arquitectura. Uma sem a outra chama-se fracasso da arquitectura moderna.”

Álvaro Siza¹

Amieira do Tejo, Amieira para os amigos, é daquelas terras irreversivelmente condenadas a definhar até ao limite da vida vegetativa. É o lugar geométrico do abandono. Na praça, junto ao castelo, candeeiros

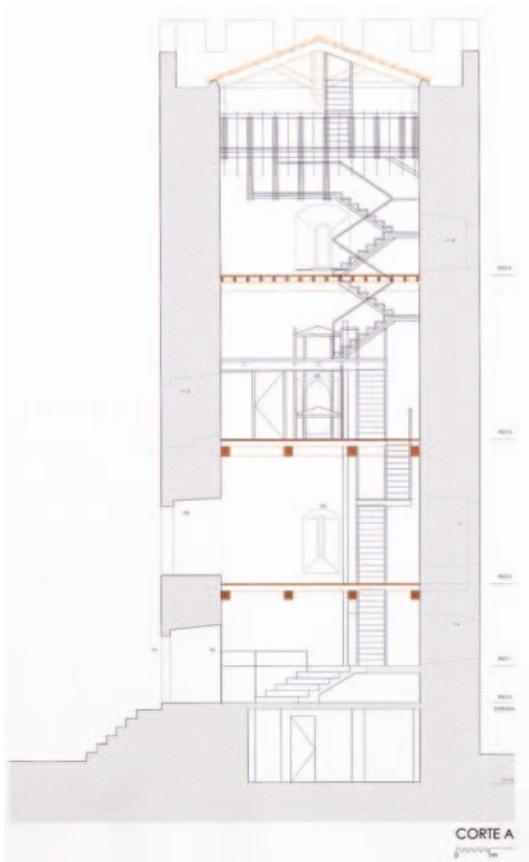
vacilantes, de um modernismo desconexo, assumem inclinações diversas, em poses de bosque melancólico. Aqui o tempo parou por falta de préstimo.

Nada salvará Amieira do entorpecimento. Um castelo com o protagonismo certo talvez contribua para a recuperação de um mínimo da dignidade que lhe é devida. Até que a alienação passe, as gentes retomem o fio da história, reocupem o espaço e reabitem a memória...

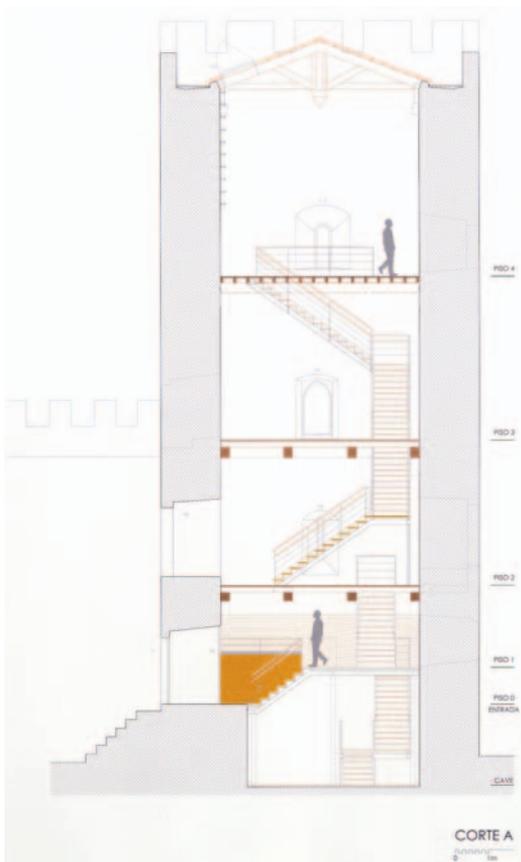
1. Introdução

A necessidade de proceder à remodelação dos espaços visitáveis desta fortificação resulta da falta de condições de segurança, de comodidade, de integridade, afinal, de fruição, decorrentes das alterações intro-

2. Corte A. Existente



3. Corte A. Proposto



duzidas em consequência de intervenções anteriores. Trata-se, portanto e prioritariamente, de remodelar para ajustar. No sentido literal: tornar justa. A linguagem, a escala, a utilização potenciada.

2. Princípios estruturadores

Toda a intervenção se subordina ao imperativo do respeito pela integridade patrimonial. Não exclusivamente na acepção restrita, de princípio universal, mas também como tema, ideia geradora, primícias do projecto. Fundamentalmente, a intervenção assume o ditame do condicionamento patrimonial como orientação determinante dos processos de reabilitação: procura alternativas assumidamente diferenciadas do existente e condicionadas física e tecnicamente por essa demarcação (o afastamento do pavimento à parede que permite suprimir a agressão do rodapé, a fixação de guarda-corpos e janelas por dispositivos de pressão, etc.).

Submete, deste modo, as várias funcionalidades a instalar à necessidade imperativa da não desfiguração ou afectação da realidade patrimonial, interpretada como essencial e pedagógica por força do próprio programa. Inclui nesta realidade todo o conjunto com exclusão das intromissões mais recentes obviamente dissonantes e menos esclarecidas. Recusa o mimetismo mistificador sem se forçar à brutalidade da ruptura permanente. Tudo, naturalmente, dentro dos limites de razoabilidade desejáveis (e exclusão de fundamentalismos epistolares venezianos ou cracóvios).

2.1. Proposição de acções visando a consecução de uma leitura consistente e sustentável da realidade arquitectónica resultante da intervenção; estabelecimento de um equilíbrio fluente entre a prioridade atribuída ao protagonismo da vertente patrimonial e a discrição activa da novidade introduzida, confortável, inovadora, actual e eficaz.

2.2. Criação de circunstâncias propícias à fruição dos espaços e à valorização do monumento, ponderando as expectativas e as exigências programáticas do IPPAR; ajustamento das soluções preconizadas à natureza da carga patrimonial resultante da história no entendimento operativo mais contemporâneo, bem como à adaptabilidade a ocupações diferenciadas.

2.3. Revisão radical das circulações, designadamente dos acessos aos pisos, considerada a sua relevância na caracterização da intervenção.

3. Intervenção

3.1. Remodelação

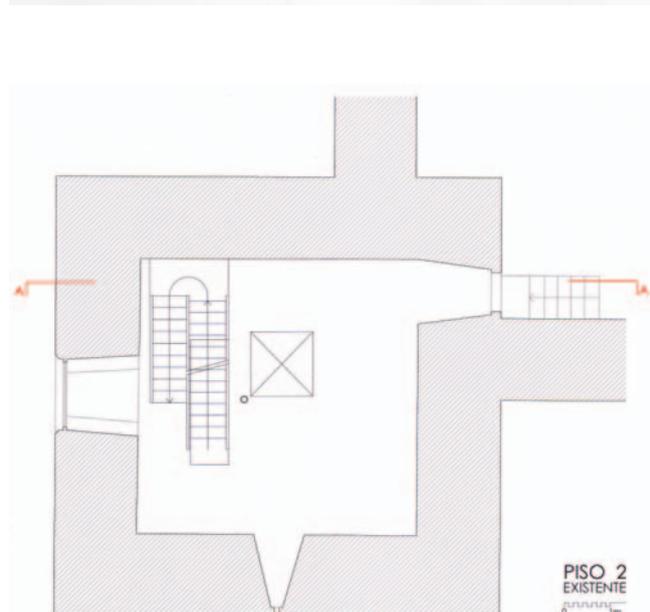
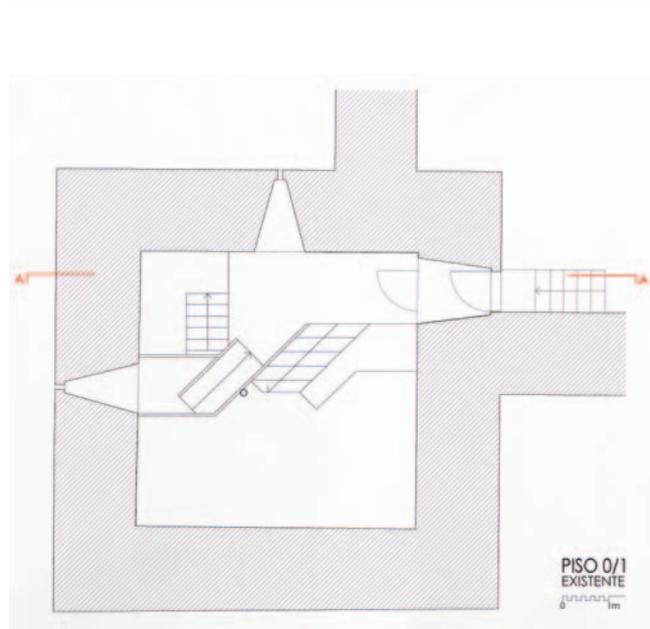
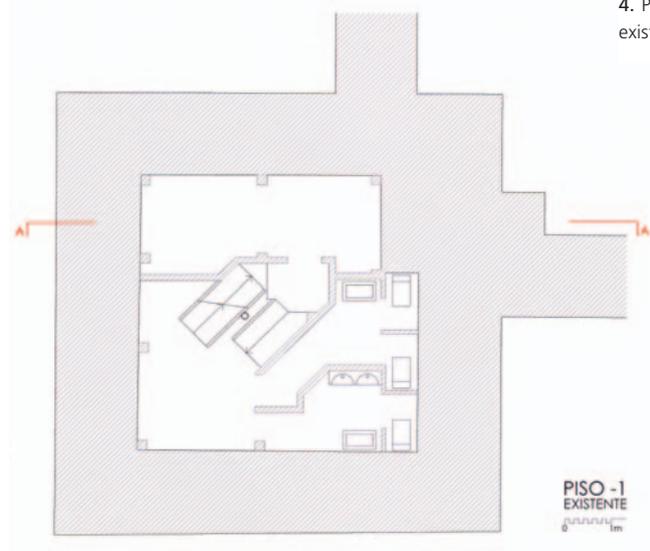
Remodelação substancial da torre de menagem procurando condições mais propícias para a instalação do programa proposto pelo IPPAR, a saber:

- Espaço de acolhimento e vendas (piso 1).
- Instalações de apoio (piso -1).
- Centro interpretativo (piso 2).
- Centro museológico/Ordem de Malta (pisos 3 e 4).

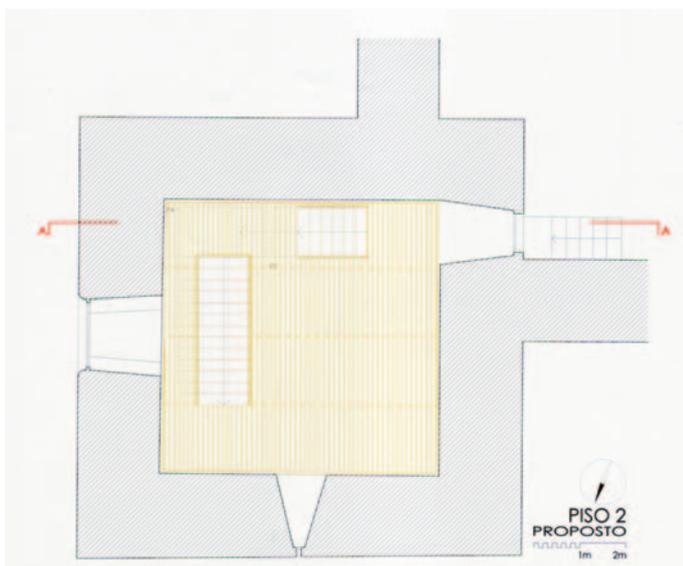
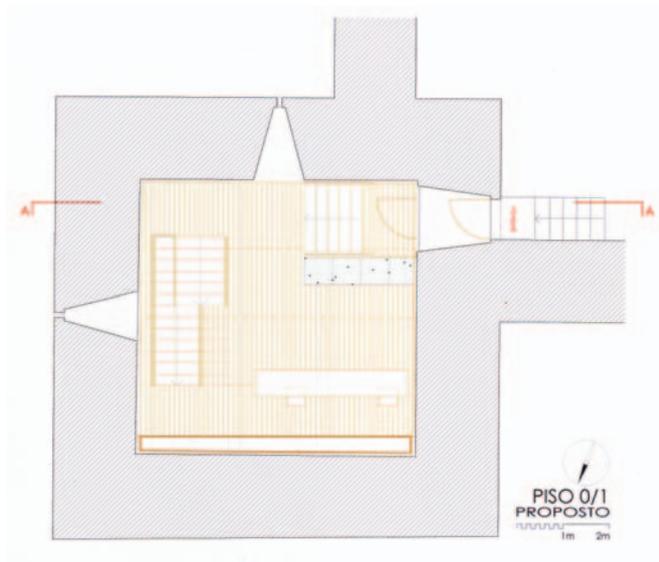
O estabelecimento destas actividades pressupõe a restauração de uma leitura dos espaços compatível com a sua natureza, para o que se entende imprescindível recuperar a verticalidade austera dos pés-direitos anteriores na sua escala e desafogo, manifestamente perdidos com a ocupação intensiva resultante da construção dos pisos intermédios e da multiplicação obstrutiva de lances de escadas. Nesta conformidade propõe-se:

- A libertação do interior da torre e revisão do desenho geral, designadamente de instalações, pavimentos e escadas, com particular incidência nestas, por forma a controlar o seu papel estruturante, tanto na afirmação da nova ocupação, como na conjugação com os valores preexistentes.
- A uniformização da solução utilizada nos diversos caixilhos dos vãos da torre de menagem (excepto quando as características do vão suportem a solução existente, isto é, sem caixilho); substituição das esquadrias em PVC por dispositivos enquadrados nos princípios definidos para a intervenção; protecção dos vãos das restantes três torres, Pandeirinhos, Sanguinho e São João Baptista por guardas metálicas e grelhas para os alçapões aí existentes.
- A criação de soluções especiais para superação do delicado problema levantado pela instalação das imprescindíveis redes tecnológicas.
- A simplificação drástica do acesso à cobertura (alçapão e escada), procurando assegurar a máxima discricção no belo espaço interior definido pela estrutura da cobertura e pela escala deste derradeiro piso sem dimensão, porém, para suportar uma escada formal.

4. Plantas dos pisos 1, 0/1 e 2 existente



5. Plantas dos pisos -1, 0/1 e 2 proposto



Para os arranjos exteriores (sem expressão nesta fase do projecto) preconiza-se, fundamentalmente, uma intervenção minimalista, correcção com investigação de pavimentações e cobertos vegetais ajustáveis ao espírito da proposta.

Observação

Com o projecto de execução já concluído, o IPPAR solicitou uma alteração significativa do programa: a introdução de instalação sanitária no piso -1. Ponderadas as características da intervenção, optou-se pela adição de um volume autónomo contendo um sanitário reduzido (lavatório e sanita) de utilização mista.

Ficha técnica

ARQUITECTURA

João Nasi Pereira

COLABORADORES

Gonçalo Leitão, Ana Filipa da Silva, Sofia de Jesus Silva

ESTRUTURAS

Laurindo Simão Martins

ELECTRICIDADE

Victor Silva

MEDIÇÕES/ORÇAMENTOS

Armando Bandeira

¹ SIZA, Álvaro – citado por ALVES COSTA, Alexandre – A arte de construir a transformação. In *Estudos/Património*. Lisboa: IPPAR Departamento de Estudos. N.º 3. 2002, pp. 124-128.